

Sidney Amaral, as múltiplas dimensões.

Circunstâncias não desejadas e não raro absolutamente inesperadas tem, às vezes, o condão de disparar processos inestimáveis ao avanço da história que desse modo, não segue um curso linear e plano, mas progride aos arrancos e trancos entre acidentes. Exemplo disso foi o trágico e imprevisível episódio que abateu artista Sidney Amaral no dia 20 de maio de 2017, sete dias depois de ter completado 43 anos de idade. Meu encontro com o artista deu-se através do Museu Afro Brasil de São Paulo, onde por dois anos, coordenei o núcleo de educação daquela instituição que exibia no nicho do acervo da assim chamada “exposição de longa duração” um núcleo dedicado a arte contemporânea onde constava uma significativa coleção de obras de Amaral. Era característica marcante da efusiva personalidade do artista a invulgar capacidade de fazer amizades e não apenas mantê-las, mas, sobre tudo, aprofundá-las criando vínculos que mesmo a ausência imposta pela morte não é capaz de esmorecer. Foi na condição de curador que organizei aquela que até aqui permanece sendo a maior exposição do artista; “O Banzo, o Amor e a Cozinha de Casa” foi realizada no Museu Afro Brasil no ano de 2014. Essa exposição que foi resultado da conquista, pelo artista, do “Prêmio Funarte de Arte Negra” instituído em 2012. Naquela ocasião tive o ensejo de, pela primeira vez, submergir no universo plástico e poético do artista com a proximidade que exigia a tarefa e que permitia a amizade já então solidamente estabelecida entre nós.

Para além da inequívoca qualidade dessa produção, qualidade, aliás, também avalizada em diversas ocasiões pelos curadores Emanuel Araujo, Tadeu Chiarelli e Adriano Pedrosa além de colecionadores daqui e de fora, chamamos atenção à multiplicidade dos meios expressivos, e a diversidade de soluções materiais e claro, formais, que o artista lança emprega na realização do seu projeto estético-ético (instancias que estão, felizmente, amalgamadas nessa formulação). Essa pluralidade de meios apresenta-se, acredito, por conta do apelo sensual/sexual (instancias distintas, mas complementares,) que a matéria exerce sobre o artista, a epiderme e a estrutura interior das obras são constituídas pelo material empregado na sua confecção. Na sua superfície essa pele, o maior e mais evidente dos órgãos, conforma, comprime e contorna conteúdos, ao mesmo tempo em que os revela (ou vela) em “temas” ou narrativas que supomos às vezes apressadamente, evidentes. Assim a superfície polida do bronze ou o aspecto vítreo do mármore, ou ultimamente a aspereza da pedra bruta, exerce sobre os sentidos do artista uma atração e um apelo que extrapola a pura apreensão/percepção visual dessa superfície; como numa pintura de natureza morta do também negro brasileiro Estevão Silva (1844- 1891), um dos melhores artistas do gênero do XIX, todos os nossos sentidos são convocados á depor sobre as qualidades evocadas do objeto representado na obra de arte.



Sem titulo, escultura em bronze polido, 2015.

Fazia parte dessa “estratégia” corromper, ou melhor, erodir, um entendimento específico sobre uma “idéia de corpo” criando, á partir daí uma reflexão sobre identidade. A obra que ilustra o texto foi apresentada no projeto “Dark Room” da galeria Tato no ano de 2016, as implicações mais óbvias desse trabalho estão explicitamente apresentadas, porém a provocação ou convite erótico expõe também de maneira sub-reptícia a historicamente racista hiper sexualização do corpo negro, dando um tom ácido ao trabalho que, no entanto, permanece seduzindo, agora no lugar da ambigüidade que confere ao sexo e aquele que o mantém um poder incontornável. Mais uma vez a “consciência” que o artista tem sobre a matéria é que elege o veículo da sua realização. A superfície polida do bronze vai perturbadoramente refletir aquele (a) que a observa. Aqui, de maneira bem pouco ortodoxa, temos mais um “auto-retrato” do artista, sim porque as partes fracionadas do seu corpo vão dizer do todo, as partes falam pelo todo. Não é por acaso o artista vai usar como tema de um trabalho a imagem do livro “A Fenomenologia da Percepção” de Maurice Merleau-Ponty, o filósofo francês era uma das referências do artista.

Nas aquarelas de Sidney Amaral estão elaboradas as histórias que ele vinha aprendendo sobre a experiência do “ser negro no Brasil”, pois, ele era um “homem em construção” e em “autoconstrução, um homem negro em construção. As narrativas surgidas á partir desse esforço estão presentes na quase totalidade de sua obra terminal, mas essa preocupação já existe como indicie nos trabalhos realizados ainda no âmbito do universo acadêmico. Assim como o já mencionado Estevão Silva (1844-1891) Sidney Amaral foi um artista negro que se valeu da fortuna técnica e crítica surgida na Academia, e tanto quanto nos é dado a entender, tanto um quanto outro trabalhou essa circunstancia de modo a afrontar o meio numa pugna que implicava em trocas e mesmo concessões que, no entanto, não esgarçaram a fronteira do comportamento ético, mas que problematizaram, a partir das suas atuações (e obras daí resultantes) e de seus corpos negros a experiência do ser artista negro no Brasil.

A triste novidade da morte precoce de Sidney Amaral abre o precedente para o esforço de preservação e investigação dessa produção, e a qualidade desse esforço também deporá sobre a importância ou falta desta, que o país atribui

a arte e cultura daqueles que, contra as adversidades comuns aos (as) afrobrasileiros (as) inventam uma página fundamental a história da arte contemporânea brasileira.

Claudinei Roberto da Silva